



O devaneio de uma rapariga frente ao espelho

The reverie of a young girl before a mirror

Ananias Agostinho da Silva¹

Francisco Vieira da Silva²

Resumo: Este artigo trata da constituição de si da protagonista do conto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”, da coletânea *Laços de família*, de Clarice Lispector. De modo específico, buscamos tratar sobre as formas de compreensão que a protagonista – enquanto sujeito – cria acerca de si quando se defronta com o espelho.

Palavras-chave: Espelho. Devaneio. Rapariga. Constituição de si.

Abstract: This article deals with the constitution of itself the tale of the protagonist “Reverie and drunkenness of a girl”, the collection *Family Ties*, Clarice Lispector. Specifically, we seek to treat about ways of understanding the protagonist - as subject - creates about yourself when faced with the mirror.

Keywords: Mirror. Reverie. Girl. Constitution itself.

Nascida na Ucrânia, mas criada no Brasil desde os dois meses de vida, Clarice Lispector é considerada pela crítica literária como uma das principais expressões da ficção brasileira de todos os tempos, especialmente da geração modernista de quarenta e cinco. Sua primeira obra, *Perto do coração selvagem*, publicada quando a autora tinha apenas dezessete anos de idade (1944), provocou espanto e um verdadeiro alvoroço na crítica literária vigente e no público leitor geral. Acostumados com romances prototípicos, nos moldes daqueles produzidos na década de trinta, a crítica literária brasileira apontou várias inconsistências na obra de Clarice Lispector, especialmente no que diz respeito à sua forma de construção do romance. Mesmo assim, reconheceu tratar-se de uma mente talentosa, ainda que em processo de formação. A título de ilustração, convém retomar a crítica do escritor Álvaro Lins, nome importante da época: “Li o romance duas vezes, e ao terminar só havia uma impressão: a de que ele não estava realizado, a de que estava incompleta e inacabada a sua estrutura como obra de ficção.”.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Departamento de Letras, do Campus Avançado de Patu, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Patu-RN, Brasil. E-mail: ananiasgpet@yahoo.com.br.

² Doutorando em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com.

Na verdade, essas inconsistências apontadas pela crítica na construção do romance *Perto do coração selvagem* não passavam de pura falta de compreensão do novo estilo literário introduzido por Clarice Lispector aqui no Brasil. A narrativa da autora subverte a estrutura dos tradicionais gêneros narrativos (entre eles, o conto, o romance, a novela), quebra a sequência linear de “começo, meio e fim”, assim como a ordem cronológica de apresentação dos fatos e acontecimentos, e funde a prosa à poesia ao fazer uso constante de imagens, metáforas, antíteses, paradoxos, dentre outros. Ora, esta nova forma de escrever obriga a crítica a revisar seus critérios de avaliação de obras literárias.

Somem-se a isso outras novas técnicas de expressão utilizadas pela autora em sua prosa, como o *fluxo de consciência* e a *epifania*. Diferentemente da tradicional introspecção psicológica praticada por vários escritores do realismo, o fluxo de consciência indefine as fronteiras entre a voz do narrado e a das personagens, de modo que reminiscências, desejos, falas e ações se misturam no jorro desarticulado, descontínuo que tem essa desordem representada por uma estrutura sintática caótica (CARVALHO, 1981). Assim, o pensamento flui livremente, pois as personagens não pensam de maneira ordenada, mas sim de maneira conturbada e desconexa. De forma bastante didática, retomando Cereja e Magalhães (2010), é como se fosse um painel de imagens captadas por uma câmera isolada no cérebro de uma personagem que deixam o pensamento solto.

Quando mergulha em um fluxo de consciência, a personagem passa a ver o mundo e a si mesma de outro modo, como se tivesse tido uma espécie de revelação, provocada por situações banais, cotidianas, em momentos fugidios e inesperados. Trata-se, neste caso, de um processo epifânico, que permite à personagem ter uma visão mais aprofundada da vida, das pessoas, das situações. Nas palavras de Olga de Sá (1993, p. 165), a epifania:

É um instante existencial, em que as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa-se ser apreendida pela palavra. Esse momento privilegiado não precisa ser excepcional ou chocante; basta que seja revelador, definitivo, determinante.

O momento epifânico não compreende um ato voluntário racional, mas se trata de um acontecimento que arrebatava as personagens. A epifania dilacera a personagem, dando origem a rupturas de valores, a questionamentos filosóficos e existenciais, permitindo aproximar realidades opostas, como vida e morte, amor e ódio, dentre outras.

Essas técnicas podem ser visualizadas, sem muitas dificuldades, na maioria das obras da autora. Na coletânea de contos de *Laços de família*, publicada em sessenta, quando a autora trata de temas essencialmente humanos e universais, como as relações entre o eu e o outro, a falsidade das relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares, dentre outros, é possível vislumbrar o recuso às figuras de linguagem, à epifania, ao fluxo de consciência nas treze narrativas escritas pela autora.

Neste ensaio, dedico atenção especial a um dos contos publicados em *Laços de família*: trata-se do conto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”. Este conto tem sido objeto de estudo de vários trabalhos que buscam discutir, além dos aspectos inerentes à escrita de Clarice Lispector, temas como o feminismo, a condição inferior da mulher, a experiência pessoal da mulher, dentre outros. Aqui, não pretendo tratar especificamente de um desses temas, até porque, acredito, os estudos realizados sobre cada um deles parecem já ter dado conta de contemplá-los com eficiência. Na verdade, buscarei tratar sobre a constituição de si da protagonista do conto citado a partir dos reflexos defronte ao espelho. Em outros termos, interessa estudar as formas de compreensão que a protagonista – enquanto sujeito – cria acerca de si quando se defronta com o espelho.

O conto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” narra a história de uma mulher portuguesa, de classe baixa-média, que vive no Brasil com sua família – marido e filhos. Como tantas outras mulheres, vive presa ao cotidiano da casa, confinada em seus afazeres domésticos e dedicada à família. Entretanto, em uma certa manhã, enquanto o marido trabalhava e os filhos estavam na casa da tia, resolveu ficar na cama. Lá passou horas, deitada como moribunda, começa a ter um fluxo de consciência e devanear sobre sua existência.

Ainda no seu quarto, logo no início do conto, a personagem se defronta com o espelho:

Pelo quarto parecia-lhe estarem a se cruzar os eléctricos, a estremecerem-lhe a imagem reflectida. Estava a se pentear vagorosamente diante da penteadeira de três espelhos, os braços brancos e fortes arrepiavam-se à frescurazita da tarde. Os olhos não

se abandonavam, os espelhos vibravam ora escuros, ora luminosos. [...]. Os olhos não se despregavam da imagem, o pente trabalhava meditativo, o roupão aberto deixava aparecerem nos espelhos os seios entrecortados de várias raparigas.

A protagonista parece se olhar no espelho em busca do seu eu. É como se fosse uma tentativa de reconhecimento da imagem refletida. Imagem esta de um sujeito fragmentado, descentrado, esfacelado, tal como a penteadeira de três espelhos. Ao olhar-se, a mulher se depara, pelo menos, com três imagens, porque cada espelho reflete uma delas. Essas imagens representam suas identidades – sim, porque a identidade de um sujeito não é única, fixa, permanente, mas é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Trata-se, pois, de uma identidade cindida.

As imagens refletidas no espelho podem representar o que a personagem acreditar ser, o que ela efetivamente é e o que deseja ser. Os jogos de luzes nos espelhos ora clareiam ora marcam essas imagens: “os espelhos vibravam ora escuros, ora luminosos”. Ao longo do conto, a protagonista busca construir uma imagem de mãe, esposa e dona de casa aplicada (imagem do que acredita ser), mas não se conforma com esta identidade, porque parece tirar-lhe a juventude e privar-lhe da liberdade. A imagem do que acredita ser discrepa, pois, daquilo que deseja ser, conforme se percebe no fragmento a seguir: “Teve a visão de seu sorriso claro de rapariga ainda nova, e sorriu mais fechando os olhos, a abanar-se mais profundamente. Ai, ai, vinha da rua como uma borboleta.”. A borboleta é mais uma simbologia utilizada para se compreender o eu da protagonista. A rua possibilita ao sujeito ter liberdade, e essa liberdade, no conto, é metaforizada pela borboleta, uma vez que esta pode simbolizar a libertação da alma, e a transformação da mulher – a protagonista – que ocorre por meio de seus devaneios, pois se deixa levar por fantasias, lembranças, sonhos, sendo dominada por esse estado de espírito.

É a partir do devaneio e da embriaguez que a protagonista parece revelar o que realmente é. A constituição de si como sujeito escapa a partir das confissões realizadas por aquela rapariga quando começa seu devaneio. Mesmo que não oralize sua confissão, a personagem deixa que ela ocorra por meio de ações e pensamentos, como se percebe no fragmento abaixo:

E quando estava embriagada, como num ajantarado farto de domingo, tudo o que pela própria natureza é separado um do outro — cheiro d'azeite dum lado, homem doutro, terrina dum lado, criado de mesa doutro — unia-se esquisitamente pela própria natureza, e tudo não passava duma sem-vergonhice só, duma só marotagem.

Em todo o conto, a personagem se vê dividida entre papéis – ora vista como uma simples dona de casa numa vida rotineira e corriqueira, ora vista como uma mulher à espera de uma nova vida, que, num momento de devaneio e embriagada pelo álcool busca, inconscientemente, encontrar-se, inclusive, no outro, como ocorre no momento em que ela se depara com uma outra mulher, eu um restaurante. A personagem parece se sentir ameaçada e começa um dos seus devaneios, pois fica a pensar se aquela moça seria vista como sendo mais importante do que ela. Nesse caso, a protagonista fica a refletir sobre o seu corpo e o daquela figura feminina que a perturbava. A sua contemplação se dá relacionada à diferença em relação àquela loira, uma vez que compara o seu físico de mulher casada a um outro, que não sabia de certo quem era: “—E a outra com seus ares de senhora, a fingir de delicada” (LISPECTOR, 1998, p.15).

Por meio da comparação com a loira, a protagonista busca a constituição do seu próprio eu. A loira, pelo caráter da diferença, constitui-se como um reflexo e, assim, é pelo signo da divergência que a portuguesa toma conta do não-eu. Nesse caso, é através do outro que a portuguesa é capaz de saber quem é aquela diferente dela: “E vai ver que, com todos os seus chapéus, não passa duma vendeira d’hortaliça a se passar por grande dama” (LISPECTOR, 1998, p.15).

Pela via do interdiscurso e da memória, podemos correlacionar essas representações a outras metáforas do espelho veiculadas na literatura. Em *O retrato de Doria Gray*, de Oscar Wilde, o lindo jovem Gray pensa que a beleza é o único aspecto da vida que vale a pena ser preservado e, portanto, decide realizar um pacto com o demônio: as marcas do seu envelhecimento devem aparecer em um retrato seu pintado pelo artista Basil Hallward, enquanto sua aparência permaneceria jovial.

O retrato corresponde à metáfora do espelho, porque é nele que Dorian vê refletida a sua imagem. Neste caso, trata-se da imagem do que ele efetivamente é, uma imagem que é mascarada para os outros, porque eles sempre enxergam o Dorian jovem, mas que, frente ao espelho – entenda-se, o quadro – é desvelada e revelada.

Todas as maldades e crimes cometidos por Dorian acabam deixando o retrato ainda mais velho e monstruoso. É a imagem do retrato que sofre as punições que

deveriam ser sofridas por Dorian em razão de suas corrupções. Depois de realizar uma última viagem a Londres, Dorian decide que irá ser bom a partir de então. Arrependido de tudo que fez, ele se pergunta se sua bondade recém-descoberta teria revertido a sua corrupção no retrato, mas ao se defrontar com o quadro, só vê uma imagem mais feia e monstruosa de si mesmo. Só a confissão iria absolvê-los de seus crimes. Por isso, Dorian decide destruir o último vestígio de sua consciência: o retrato. Quando destrói o retrato, ocorre uma espécie de transferência de imagens: Dorian se transforma em um cadáver desfigurado e o retrato regressou à sua beleza original.

Também podemos relacionar o olhar no espelho da personagem de “O devaneio e embriaguez de uma rapariga” com o clássico mito do *Narciso*. Filho do deus rio Céfiso e da ninfa Liríope, Narciso era um rapaz dotado de uma rara beleza. Dias antes de seu nascimento, seus pais resolveram consultar o oráculo Tirésias para saber qual seria o destino do menino. E a revelação do oráculo foi que ele teria uma longa vida, desde que nunca visse seu próprio rosto. Narciso cresceu, e se transformou um jovem bonito, que despertava amor tanto em homens e mulheres, mas era muito orgulhoso e ninguém conseguia quebrar a sua arrogância. Até as ninfas se apaixonaram por ele, mas o rapaz as menosprezava. As moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las. Para dar uma lição ao rapaz frívolo, a deusa Némesis o condenou a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo em uma lagoa. Encantado pela sua própria beleza, Narciso deitou-se no banco do rio e definhou, olhando-se na água e se embelezando. Depois da sua morte, Afrodite o transformou numa flor, narciso.

Tal como ocorre no mito de Narciso, o olhar ao espelho por sua natureza dual desencadeou a duplicidade da protagonista, visto que se sentia dividida em três reflexos que emblematizam a cisão do eu. Assim a personagem por uns momentos reflete sobre o seu eu, provocada pelo álcool e por sua condição de vida. Isso possibilita uma analogia com o mito de Narciso, visto que o devaneio provocado pelo olhar decorre do reflexo no espelho, bem como da imagem do outro e do próprio desassossego inerente ao estado de depressão da personagem. Daí a constituição e semelhança da portuguesa como narcísica. Cavalcanti (1992, p.205) reforça este posicionamento quando diz que “no episódio do espelho, estamos novamente diante da questão da construção da identidade da formação do eu”.

A constituição do eu da protagonista se dá a partir do reconhecimento da existência de outros eus. É como se possuísse mais de um eu atrelados a um único sujeito possível: a imagem do sujeito que acredita ser. A busca por outras identidades ocorre através da fuga do real, ocasionada pela embriaguez, vista pela protagonista como única forma de

suportar a sua vida rotineira. Depois da experiência com o álcool, a portuguesa descobre que não é mais a mesma: “deixa de ser uma lagosta para se transformar num escorpião”. Ao ver-se intrigada e deslumbrada sobre o que ela mesma estava a pensar, a personagem está diante do processo de introspecção psicológica, refletindo, pois, sobre o seu verdadeiro ser. É nesse cenário propício às reflexões que a portuguesa deixa de ser, momentaneamente, uma mulher atrelada à vida simples, para tornar-se a mulher possível que, representa força, coragem e iniciativa, cuja senhora só se apresenta, quando usando algum tipo de mascaramento.

Mas esta nova identidade logo se desfaz, quando em um devaneio provocado por uma náusea a protagonista encontra o si mesma – a imagem que acredita ser: é esposa, tem filhos, tem tarefas domésticas a realiza. Portanto, a busca de sua identidade, isto é, pela constituição de si ocorre de modo tortuoso, conflituoso, inacabado. Ao final do conto, a personagem ainda permanece imergida em um conflito, uma crise de identidade em busca da constituição do eu.

Bibliografia

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.

CAVALCANTI, Raissa. **O mito de narciso**: o herói da consciência. São Paulo: Cultrix, 1992.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Coachar. **Português linguagens**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. v. 3.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro. Rocco, 2ª Ed. 1998b.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1993.